

Gabriela Villela Arantes

A HISTÓRIA DO HANDEBOL EM MINAS GERAIS

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2010

Gabriela Villela Arantes

A História do handebol em Minas Gerais

Monografia apresentada como critério para conclusão da Disciplina Seminário de TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2010

Agradecimentos

Dedico essa página a agradecer todos que me ajudaram a conseguir concluir o curso de Licenciatura em Educação Física e esse trabalho de conclusão de curso.

Aos meus pais, irmãos, avós, tios, primos e toda a minha família pelo carinho, amor, dedicação e apoio incondicional, sem vocês não seria possível.

À minha orientadora Professora Dra Meily Assbú Linhales pela paciência e todo aprendizado. A partir de seus ensinamentos e troca de experiências compartilho hoje de uma nova visão acadêmica e de novas perspectivas profissionais.

À todos integrantes do CEMEF, que contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa, ajudando nos problemas técnicos (formatação do áudio e da escrita) da transcrição, além da oportunidade de fazer parte de um grupo de pesquisa tão especial e enriquecedor. Algumas reuniões de estudo que, aparentemente, nada tinham em comum com meu trabalho me ajudaram e contribuíram com muitos conceitos.

Aos maiores contribuidores, a saber, José Atayde Lacerda, Paulo Sérgio de Oliveira, Isabel Montandon e Ivany Bonfim por me cederem seus depoimentos e serem responsáveis pela produção das fontes da minha pesquisa.

Ao Luizinho, à Ju Pacheco e ao Foca, meus eternos treinadores de handebol, responsáveis por minha paixão por esse esporte.

Às minhas amigas que estão sempre presentes, dando força e incentivando na minha realização profissional, sendo sempre fundamentais.

Aos amigos e amigas da Educação Física por terem caminhado junto comigo, proporcionando muitos momentos agradáveis de convívio e estudos.

Aos amigos do Colégio Santo Agostinho Central e de Nova Lima por colaborarem e me ajudarem a trilhar um outro caminho profissional.

Enfim, à todos que sempre estiveram presentes e ajudaram que eu chegasse até aqui.

Muito Obrigada!

“... eu tenho também uma predilecção pelo jogo de "hand-ball", que salvo erro, julgo pouco conhecido no Brasil. Se V. Exas. me permitirem, eu teria imenso prazer em algo escrever sobre este desporto para os meus ilustres irmãos, e assim tomo a liberdade de enviar um pequeno artigo. Se algo de interessante e interesse acharem na minha modesta ideia, em correios futuros eu enviarei artigos de questões de tactica e técnica dessa modalidade...”

(Trecho da Carta enviada por Acácio Rosa, de Portugal, para a Revista de Educação Physica do ano de 1939, nº 35)

RESUMO

Esta pesquisa objetivou conhecer a história do Handebol em Minas Gerais, no período que compreende as décadas de 1960, 1970 até meados de 1980. Foi necessário fazer uma pesquisa sobre as possíveis versões da História Geral do Handebol, uma vez que este recorte escolhido para o estudo encontra-se dentro dessa história maior. No entanto, foram poucos os registros encontrados, sendo necessário recorrer a outros tipos de fontes. Assim, a História Oral foi utilizada como metodologia do estudo. Essa metodologia consiste em acoplar as fontes escritas e as fontes orais, que são construídas por meio dos depoimentos cedidos pelos sujeitos selecionados, para constituir as fontes da pesquisa. Foram realizadas quatro entrevistas, com sujeitos que fizeram parte dessa história e possuem envolvimento com essa modalidade, a saber, Paulo Sérgio de Oliveira, Ivany Bonfim, Isabel Montando e José Atayde Lacerda. Dessa forma foi possível construir as fontes de pesquisa para análise e, também construir a “nossa” história, escrita por mim e por esses sujeitos. A partir da construção dessa versão da história do Handebol em Minas Gerais, alguns fatos foram selecionados para discussão. É possível identificar indícios de lugares onde a prática pode ter iniciado, os sujeitos responsáveis por esse movimento, além dos sujeitos envolvidos na organização da modalidade, assim como os locais freqüentados por eles, além de outros aspectos. Foram selecionados dois eixos temáticos para o aprofundamento do conteúdo, o primeiro discutiu as questões relativas aos sujeitos e suas práticas, e o segundo explorou o tema da circulação cultural, analisa assim, como foi possível a apropriação dos conhecimentos pelos sujeitos. Com a realização das entrevistas várias foram as informações levantadas, contribuindo com novas questões e notícias inovadoras com relação a este esporte. Dessa maneira, foi possível dar voz a pessoas que não tinham tido oportunidade de se expressar e relatar a história a partir de sua visão. Colaborando assim para construção e preservação da memória.

Palavras- Chave: Esporte, História Oral, História do Handebol, Minas Gerais.

ABSTRACT

This study has the objective to find out the Minas Gerais handball's history, between the years 1960's and the middle of year 1980's. For this study it was necessary to do a research about the possible history versions of the general handball. The period that I chose for this study belongs to that biggest history. But, while as just a few records were find, then it was necessary to find other types of source. Therefore, Oral History was used as methodology of this study. This methodology is building by the testimonials from the people who lived the history and was selected, plus the traditional source. Four interviews were realize, with some people that has involvement with this sport. Like Paulo Sérgio de Oliveira, Ivany Bonfim, Isabel Montandon e José Atayde Lacerda. Then it was possible to build the sources of this search for analysis and building "our" history, it was made by me and those selected people. Among the facts, some were selected for the argument. It is possible to indentify the first sites where the game could begin, the people responsible for this action and involvement in the organization, as well the places attended by them, and others. Two subjects were selected, the first argue the questions about the people and their practice and the second explores the theme of cultural movement, then analysis how the knowledge appropriation was possible. With the interviewers some information appear, and contribute for new and innovative questions about this sport. Then, it was possible to give voice to people that never had the opportunity to manifest and report the history from their view. So it contributed for the memory construction and preservation.

Key-words: Sport, Oral History, Handball's History, Minas Gerais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – As Versões Históricas do Handebol e alguns Conceitos que Nortearam esse Estudo.....	12
O Handebol nos Registros Históricos.....	12
O Estudo Histórico e as Fontes Orais.....	18
CAPÍTULO 2 - O Percurso da Pesquisa e a Construção da “Nossa” História.....	21
Procedimentos.....	21
Apresentação dos Depoentes.....	23
Construindo a História do Handebol em Minas Gerais	26
CAPÍTULO 3 – Aprofundando a discussão – Dos sujeitos e práticas à circulação cultural.....	33
Sujeitos, Lugares e Práticas.....	33
Circulação Cultural - O Movimento do Conhecimento.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

Vários foram os motivos que me fizeram optar pela escolha de cursar Educação Física, com certeza, minha experiência com a prática da modalidade Handebol foi decisiva. Apaixonada pelo esporte e por tudo que ele já havia me proporcionado ficou fácil decidir que curso gostaria de fazer e, conseqüentemente, o tema para abordar no meu trabalho de conclusão de curso.

Este estudo enfatizará um conteúdo específico da Educação Física, o Handebol. Em uma investigação histórica pretendo mostrar e identificar a chegada do Handebol no estado de Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte. Busco assim construir uma versão para essa história, relacionada com as práticas esportivas, com o esporte como prática de lazer, com as relações sociais da época, com os clubes que existiam e com os participantes. Afinal como esse esporte se estabeleceu e quem são os sujeitos dessa história? Essa pesquisa abrangerá os primeiros trinta anos dessa história, ou seja, desde a década de 1960 até meados da década de 1980. Nos livros e artigos foi possível observar notícias do Handebol se expandindo e de campeonatos escolares de Handebol, em 1972, na cidade de Belo Horizonte. Encontradas essas informações pensei na possibilidade do Handebol ter iniciado um pouco antes, o que provavelmente o fez aparecer mais nos anos 70. Dessa forma estabeleci uma demarcação temporal com base em um recuo histórico, permitindo descobertas quanto a prática do Handebol anterior aos encontrados nos registros,

Para a construção e investigação histórica desse tema foi necessário recorrer a chamada História Oral. Segundo Thompson (2002) a História Oral, em uma definição ampliada do termo, é *“a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”*. Pessoas essas que viveram o momento e conhecem fatos relevantes que nunca foram registrados. Todavia, a pesquisa

não excluiu os outros tipos de fontes, tendo recorrido aos periódicos da época, artigos de jornais e outras fontes escritas, além das fontes orais.

Com isso pretende criar uma nova versão da história, levando em consideração as experiências e vivências pessoais e a popularização do esporte, de maneira geral, na cidade de Belo Horizonte. Resgatando-a e reconstruindo-a, a partir da investigação e identificação dos sujeitos da história, assim como suas experiências culturais e as relações pessoais.

Possibilitando também uma análise das práticas sociais do belo-horizontino, das práticas esportivas e o porquê do interesse pela prática do Handebol e até mesmo como começaram a praticar.

Espera-se que este estudo seja importante para discutir e refletir as práticas esportivas, os clubes de Belo Horizonte e as suas relações com o esporte, as escolas e sua relação com esporte, enfim as relações da Educação Física com o esporte e com seu surgimento. Quais são ou poderiam ser as influências da Educação Física para prática desse esporte? Ou, para o conhecimento da modalidade possibilitando assim que mais pessoas possuam interesse e comecem a praticar?

A pesquisa teve início com a seleção dos entrevistados, que poderiam colaborar com informações relevantes, em seguida, foi feito um contato inicial e as entrevistas em si, que foram transcritas para análise posterior. Foram os dados encontrados que influenciaram na estruturação da monografia, recolhendo através deles pistas e eixos interpretativos que indicaram caminhos para a análise dos mesmos.

Assim, essa monografia se estrutura da seguinte forma:

No capítulo 1, me dedico ao referencial teórico que deu suporte a pesquisa, discutindo o conceito de pesquisa histórica e História Oral, que foi o procedimento metodológico utilizado, e apresento alguns indícios da história geral do Handebol encontrada nos registros escritos.

No capítulo 2, me dedico a descrever os procedimentos utilizados para a realização do trabalho, a apresentar os sujeitos entrevistados e escrever uma versão da história, construída por mim e por esses sujeitos.

No Capítulo 3, alguns eixos de análise foram definidos para serem mais explorados. O primeiro engloba os sujeitos, espaços e práticas e o segundo aborda a questão da circulação da cultura e do conhecimento.

Dessa maneira essa monografia se encontra estruturada. Perpassando desde a história geral do Handebol e as proposições para a História Oral, que foram fundamentais para elaboração da metodologia do estudo, até os caminhos da pesquisa e a construção de uma versão da história do Handebol em Minas Gerais. Através das fontes encontradas foi possível levantar alguns eixos para discussão, analisando assim de forma crítica os fatos.

CAPÍTULO 1

As versões históricas do handebol e alguns conceitos que nortearam esse estudo

Esse primeiro capítulo aborda os temas e assuntos que deram suporte teórico para trabalho. Iniciando com algumas versões históricas do Handebol que foi possível encontrar nos registros escritos, como nos livros e artigos de revistas. Posteriormente dedica a conceituar o estudo histórico e as fontes orais, conceitos esses que permitiram escolher e entender os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização da pesquisa.

O Handebol nos registros históricos

Assim como os outros esportes, o Handebol possui diferentes versões a respeito de sua origem e disseminação. Geralmente, quando pesquisamos sobre a história dos esportes, é fácil encontrar versões que partem de uma ordem cronológica dos acontecimentos da modalidade esportiva, considerando somente as datas comemorativas, como o surgimento de federações e confederações, como a realização dos primeiros campeonatos, como a quantidade de equipes participantes, ou ainda, uma história que pressupõe o surgimento do Handebol a partir de algum outro esporte ou jogo, que já era praticado e com as modificações das regras e formato de jogo, conseguimos chegar ao que é praticado hoje.

O Handebol moderno foi praticado pela primeira vez na Dinamarca, em 1897 e sua ascensão inicia-se na década de 1910, com o surgimento do Handebol a 11, impulsionado pelos parlamentares da Dinamarca, Alemanha e Suécia. Este Handebol a 11 começou a ser praticado através da iniciativa de alguns professores de Educação Física alemães, que o criaram a partir do

Raffball e do *Konrad Koch*. O professor alemão Karl Schelenz, lançou o Handebol na Europa e apresentou melhorias nas regras do jogo. Nos jogos olímpicos de Amsterdam, 1928, foi criada a Federação Internacional de Handebol Amador, IAHF, e, em 1946, foi criada a Federação Internacional de Handebol, IHF. Com o passar do tempo foi criado o Handebol de quadra, com 7 jogadores, sendo que o primeiro campeonato mundial aconteceu em 1957 na Iugoslávia. Esta modalidade foi criada com o intuito de fugir do inverno rigoroso europeu e ganhar em movimentação e rapidez. (Hubener & Reis; 2005, p.281)

No Brasil, o Handebol apareceu sendo praticado nos grupos germânicos que habitavam o país, por meio de Emil Shemehlin, que trouxe o esporte, na versão praticada em campo, após a Primeira Guerra Mundial. Eram realizados também alguns jogos amistosos entre as colônias alemãs do sul e sudeste do país já em 1928. Em 1954, a Federação Paulista de Handebol instituiu o Handebol de salão, realizando o I Torneio aberto de Handebol. Assim, a Confederação Brasileira de Desportos – CBD, criou um Departamento de Handebol, responsável por organizar os torneios e campeonatos brasileiros. Em 1971, o esporte foi incluído nos III Jogos Estudantis Brasileiros, realizado em Belo Horizonte - MG, difundindo assim pelos outros estados. A partir de então, vários foram os acontecimentos que representaram a difusão do esporte, como a inserção nos Jogos Universitários, a realização do campeonato adulto, a fundação da Confederação Brasileira de Handebol (1979), a participação nos jogos olímpicos de Barcelona (1992), a criação das federações estaduais, etc. (Hubener & Reis; 2005, p.281)

Segundo o livro *Regras Oficiais de Handebol* (1995 -1997) a história é semelhante a contada por Hubener & Reis (2005). No entanto, diferencia dizendo que quem o levou para o campo, em 1912, foi o alemão Hirschmann, então secretário da Federação Internacional de Futebol. Segundo o mesmo autor, o período da I Guerra Mundial (1915 -1918) foi decisivo para o desenvolvimento do jogo, quando o professor de ginástica berlinense Max Heiser, criou um jogo ao ar livre para as operárias da Fábrica Siemens, derivado do *Torball* e, quando os homens começaram a praticá-lo, o campo foi aumentando para as medidas do futebol. No entanto esse tipo de Handebol não durou por muito tempo, e aos poucos foi sendo substituído pelo Handebol

de Salão. Vários são os possíveis motivos para tal acontecimento, como, por exemplo, devido ao inverno rigoroso da Europa, a falta de espaço, afinal, no campo, havia uma preferência pelo futebol, e, ainda, pelo motivo do Handebol de Salão ser mais veloz. Assim, esse tipo de Handebol passou a ter preferência do público e a modalidade se impôs, a ponto de ser suspensa a realização de campeonatos de campo, desde 1966. Assim, pode-se considerar que o Handebol de salão surgiu em 1924, na Suécia. (REGRAS OFICIAIS DE HANDEBOL, 1997)

No entanto essas não são as únicas versões encontrada nos livros. Segundo Ferreira (s/d) a origem dos esportes sempre será uma incógnita, afinal existem várias polêmicas para precisar a origem dos esportes e com o Handebol não seria diferente. O gesto de arremessar um objeto a uma certa distância, com precisão e pontaria é tão velho quanto a própria humanidade. Mas, de fato foram os alemães que difundiram e regulamentaram o esporte. A hipótese de Ferreira (s/d) é de que o alemão Karl Shelenz, um professor de Educação Física alemão, a serviço da marinha alemã em visita ao Uruguai, por volta de 1911, observou uma atividade esportiva denominada *Balon*, criada por um professor uruguaio chamado Gualberto Valetta. Karl comentou sobre a atividade com um colega, também professor, Max Heiser. Este já tinha observado na Dinamarca um jogo similar chamado *Handebol Donés* e que era utilizado como complemento para o treinamento das ginastas. Juntos, os dois professores publicaram em 1917 as regras definidas para o esporte. Este esporte despertou grande interesse e foi regulamentado pela Federação de Ginástica. Sendo então uma atividade complementar à ginástica, ao atletismo e ao remo. O ápice do crescimento foi a inclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, sendo ainda praticada na especialidade de campo. Com a criação da Federação Internacional ocorreu o desenvolvimento e propagação da modalidade pela Europa e pelo mundo. Realizando vários campeonatos pelo mundo, como por exemplo, a Copa Latina de Handebol, na qual o Brasil participou, divulgando publicações sobre a modalidade e enviando técnicos aos países que estavam começando a praticar. Em 1971 foi publicado o livro "*Introduccion AL Handball*" pelo professor Alfredo O. Miri, o que ajudou

muito na divulgação do esporte e, em 1972, o Handebol de salão foi introduzido nos Jogos Olímpicos.

Segundo Ferreira (s/d), a atividade *Balon* foi desenvolvida no Uruguai com o objetivo de propor um esporte diferente do futebol, afinal estavam cansados da violência desse esporte e queriam uma atividade que atendessem aos interesses dos jovens e das mulheres. As características desse esporte seriam o manejo da bola com as mãos, possuía 12 jogadores, a saber 1 goleiro, 3 defensores, 3 meias e 5 atacantes, sendo que os defensores não podiam passar do meio do campo. Podia passar a bola livremente e arremessar de fora da pequena área, com o tempo essa distância aumentou e passou a ser a grande área. As faltas eram batidas no local, no caso de falta graves era realizada a cobrança do pênalti, de 18 metros, caso fosse leve e de 11 metros, caso fosse rigorosa.

No Brasil, a prática começou na modalidade de campo através de clubes, nos quais os fundadores eram estrangeiros e de origem Israelita e Alemã, pelos anos de 1930/1932. Existiam no país alguns clubes nos quais a modalidade era praticada, por exemplo, o Clube Mocabi, depois chamado de Clube Ginástico Paulista que foi fundado em 1890, a Associação de Cultura Física, criada em 1889, e o Clube Germânico, atualmente conhecido como Esporte Clube Pinheiros. Entre esses clubes eram realizados alguns campeonatos. Com o início da prática do Handebol de salão, por volta dos anos de 1950/1952, o Handebol de campo foi acabando, tendo seu último campeonato realizado em 1965. Foi em São Paulo que ocorreu a maior desenvolvimento do esporte, sendo que em 1940 foi fundada a Federação Paulista de Handebol. Depois da realização dos Jogos Estudantis em 1969 o esporte se ampliou. (FERREIRA, s/d)

No livro “Manuales para especialistas de La organizacion juvenil Española – Balonmano”, escrito por Francisco Homas aparece outra versão da história, que se assemelha com a do autor Pedro Ferreira, no livro “Handebol de Salão”. Segundo, Homas, o jogo praticado na Dinamarca foi desenvolvido por Donés Holger Nielsen, que introduziu o jogo *Haandbold* no Real Colegio de Ordrup. Sendo que em 1911 o jogo teve maior aceitação e, em 1934, aconteceu um

congresso internacional em Estocolmo – Suécia, para divulgar as regras. (Homas, 1972)

No Brasil, a história do Handebol é recente, no entanto, é possível perceber o crescimento da prática do Handebol e a sua popularização através de algumas publicações em revistas de Educação Física, que com certeza, ajudaram nessa divulgação.

Pesquisando nos catálogos de duas revistas importantes e de grande circulação no campo da Educação Física, sendo ambas de 1932 e as mais antigas da área. Foi analisado então a Revista de Educação Física do Exército e a Revista Educação Physica, que encontrei algumas publicações que possuíam como tema o handebol.

Na Revista de Educação Física do Exército foi possível encontrar algumas publicações sobre o Handebol. Os artigos mais antigos foram publicados em 1939, um em outubro e outro em dezembro, o qual o título era o mesmo: HANDEBOL: regras. Em setembro de 1941, foi publicado novamente um artigo com o mesmo título dos anteriores. O artigo “Táticas de Andebol de Salão – Defesa”, publicado em 1959, tinha como objetivo a divulgação do esporte e das táticas defensivas, assim como mostrar a desenvolvimento dos sistemas defensivos. (MENDES, 1959, p. 10-12). No ano de 1964 foi publicado o artigo “Vamos ensinar hand-ball aos soldados?”. Esse também tinha como objetivo difundir o esporte e demonstrar alguns jogos e algumas possíveis adaptações das quadras para a prática ser possível. (ROCHA, 1964, p. 35-36).

Na Revista Educação Physica outros artigos foram encontrados, a primeira publicação que se referia ao tema handebol foi em fevereiro de 1938, cujo título era “O HAND-BALL um jogo novo que se popularizou rapidamente”. Em outubro de 1939, outro artigo foi publicado. Este possuía como título “O Hand-ball: sugestões vindas de Portugal” e se trata de uma carta de Acácio Rosa à Revista Educação Physica, com a intenção de apresentar o esporte as pessoas do Brasil, uma vez que era muito desenvolvido em Portugal e de grande interesse da população. Dessa forma faz uma apresentação geral do jogo e das regras e se disponibiliza a enviar mais artigos sobre técnica e tática, caso seja interesse dos editores.

Foram esses os artigos encontrados sobre o handebol nessas duas revistas. Alguns foram possível acessar e refletir sobre o que estava publicado e outros só tive notícia de sua publicação através do catalogo de publicações.

A história do Handebol no estado de Minas Gerais participa dessa história maior da modalidade e de sua presença no Brasil, no próximo capítulo serão apresentados os procedimentos para a realização da pesquisa, os sujeitos que participaram das entrevistas e a construção de uma versão da história.

O Estudo Histórico e as Fontes Orais

“O passado nos interessa, hoje, pela sua permanência no mundo atual” (NUNES, 1996, p.14). Assim, construímos a história, ou as histórias, pensando em maneiras de descobrir os fatos relacionando-os com os sujeitos e espaço onde ocorreram. A partir do que aconteceu reinventar e reconstruir maneiras de se fazer para continuar a história. A pesquisa histórica é capaz de recriar os objetos de estudos, partindo da compreensão do mesmo, mas não evitando algumas incertezas de significados. Para a pesquisa ser possível é necessário recorrer a revisão bibliográfica do tema, para assim definir o espaço intelectual, fazer a crítica da literatura e construir as fontes de pesquisa (Clarice Nunes, 1996).

Segundo Carr (1985), os fatos históricos não falam por si só, um fato é apenas um fato se não for contextualizado e abordado pelo pesquisador, considerando então o pesquisador como selecionador da história. Para Lytton Strachey (apud CARR, 1985) “a ignorância é o primeiro requisito do historiador, ignorância esta que simplifica e esclarece que seleciona e omite”. Nesse mesmo contexto o professor Talcott Parsons (apud CARR, 1985), definiu a “a ciência como um sistema seletivo de orientações cognitivas para a realidade”. Comparando estas duas afirmativas com o estudo histórico podemos considerar que a história é previamente selecionada por quem escreve e para

que seja possível realizar a pesquisa é necessário o desconhecimento do assunto para iniciar uma investigação.

Segundo Groce (apud CARR, 1985) “toda história é história contemporânea”, é como analisar o passado com os olhos e críticas do presente e a luz de seus problemas.

A história já foi entendida como uma evolução e progresso, no entanto nem sempre existe progresso, podemos regredir no tempo também. A história “não se desenrola segundo a forma de um fluxo linear e irreversível rumo ao progresso” (SANTANNA, 2001). É como se os acontecimentos e fatos fossem acontecendo para resolver problemas do passado, solucionando alguns problemas e criando outros ainda não imagináveis, dessa forma a história é construída através de mudanças e tentativas procurando uma transformação, não que seja esse necessariamente o resultado.

Segundo Lopes (1996) a história só se faz no momento da escrita, é preciso aliar os gestos preliminares com a disposição do historiador de ler o mundo e se fazer história. Estabelecendo que ler, ver e ouvir são gestos que permitirão metodologicamente que definamos as fontes, a partir das quais construiremos o discurso. Para iniciar é necessário separar e reunir os documentos e assim realizar a transformação deles em fontes de pesquisa. “São as perguntas que o pesquisador(a) tem a fazer ao material que lhe conferem sentido e enquanto houver perguntas o material não está suficientemente explorado” (LOPES, 1996, p. 39).

Existem diferentes tipos de fontes. Quando pensamos em fontes e referências bibliográficas logo as associamos aos livros, artigos, documentos, revistas, jornais, dissertações e teses, ou seja, fontes escritas. Mas como é possível construir a história que ainda não foi escrita por ninguém? Onde encontrar as fontes? Dessa forma podemos então pensar os próprios sujeitos como construtores e parte da história como fontes. Essa fonte é denominada de fonte oral, o seu ressurgimento como fonte de pesquisa causou grande polêmica, devido as implicações de seu uso, as suas peculiaridades, a como analisar os materiais e a como apresentar os resultados.

Thompson(1992) faz uma abordagem e definição ampliada da História Oral, definindo como uma maneira de interpretação da história, sociedade e cultura, escrita através do recurso da escuta das pessoas e registros de suas lembranças e experiências. Dessa forma, com as entrevistas e as anotações dos fatos observados é possível analisar, compreender e interpretar a vida individual relacionada com as relações sociais e assim construir a história.

“A História Oral deve levar em conta que a memória opera uma revisão do passado em função das exigências do presente, memória individual/memória coletiva; lembrança/esquecimento; oral/escrito. O relato oral é transcrito, além de que, como lembra Portelli (apud PEREIRA, 1996), muitas fontes escritas são transmissões incontroladas de fontes orais perdidas” (PEREIRA, 1996, p.70)

Assim, a História Oral pode ser considerada um método de pesquisa, um tipo de fonte ou até mesmo uma técnica de pesquisa. É responsável por resgatar a vida cotidiana e preencher as lacunas deixadas na história pelas fontes escritas. Thompson afirma que “a História Oral devolve a história as pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-os também a caminhar para um futuro construído por eles mesmos”. (apud MELLO,1996, p. 112)

A História Oral possui algumas ambigüidades e tensões, por exemplo, a subjetividade/objetividade, pois comporta a subjetividade do entrevistador e do entrevistado sendo ao mesmo tempo objetiva quando traz informações passíveis de serem confrontadas com outros documentos. “O relato oral consiste na representação que o sujeito faz dos fatos de sua vida, narrada segundo sua categoria de valores e seus códigos temporais, hierarquizando, valorizando ou desvalorizando determinados aspectos” (PEREIRA, 1996, p.63). Dessa forma percebemos que cada um faz uma versão da história, contando o que foi marcante e o que acredita que é mais relevante. O que não torna os pequenos enganos e equívocos em falsas histórias. Segundo Thompson (apud

PEREIRA, 1996) o que o entrevistado informou e acredita ter acontecido é um fato tanto quanto o que “realmente” aconteceu. Uma outra polêmica está entre o indivíduo/sociedade, sendo que possibilita o acesso ao singular do indivíduo e suas relações com a sociedade.

“História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas” (MEIHY, 1996, apud LOPES, 1996, p. 47.)

Existem quatro potencialidades da História Oral que poderão ser observadas ao longo das entrevistas, a saber: vozes ocultas, esferas ocultas, tradições orais e conexões através das vidas. Por vozes ocultas entende-se a parte da história que não foi contada por motivos de opressão, medo ou qualquer outra causa. Esferas ocultas são as histórias que incluem diferentes experiências da vida pessoal. As tradições orais são representadas pelos mitos e invenções que também são importantes para construção das opiniões e tentativa de luta pessoal e política. Já as conexões de vida estabelecem as relações das vidas, as correlações e as diferentes contribuições para a história e como elas se complementam.

CAPÍTULO 2

O percurso da pesquisa e a construção da “nossa” história

Dialogando com os relatos dos depoentes e com os registros e acervo de cada uma deles e de alguns outros sujeitos, foi possível desenvolver essa pesquisa, utilizando como procedimentos metodológicos os pressupostos da História Oral. Afinal, esse trabalho está relacionado diretamente com as memórias, visto que foram poucas ou inexistentes as informações encontradas nas fontes escritas, nas bibliotecas e acervos públicos.

O que aqui chamo de “nossa” história é a história escrita por mim e pelos entrevistados a partir do roteiro de entrevista e pelas informações presentes em cada depoimento. Criando assim uma versão da história do esporte em Minas Gerais.

Procedimentos

A escolha metodológica deste estudo está vinculada com as diretrizes da História Oral, por se tratar de uma análise do registro das memórias de cada indivíduo, relacionando-os com os dados encontrados em outras fontes de pesquisa.

Inicialmente, foi feita uma pesquisa geral sobre os possíveis depoentes e o que cada um poderia contribuir de acordo com sua história dentro da modalidade. Analisando a participação e ocupação e também a sua representatividade, pessoas essas que colaboraram para construir essa história e para que ela prosperasse.

Os nomes sugeridos inicialmente, durante a elaboração do projeto foram:

1) Professor José Ataíde Lacerda, um professor de Educação Física muito conhecido em Belo Horizonte, lecionou em algumas escolas como professor de Educação Física e nelas foi técnico de Handebol. Também foi técnico de alguns clubes tanto no Handebol como em outras modalidades esportivas;

2) Guilherme Ângelo Raso, atual 1º Vice-Presidente da CBHb, ex-técnico e ex-atleta de alguns clubes de Minas Gerais, além de ser filho do professor Lincoln Raso, já falecido, que foi professor da Escola de Educação Física da UFMG, um dos grandes idealizadores do Handebol em Minas Gerais, técnico e professor, além de ser conhecido por ter realizado grandes ações pelo Handebol Mineiro.

3) Professora Isabel Montandon Soares, atualmente coordenadora do curso de Educação Física da Faculdade Estácio de Sá em Belo Horizonte, foi atleta e técnica de alguns clubes de Belo Horizonte;

4) Paulo Sérgio de Oliveira, atual presidente da Federação Mineira de Handebol e ex-atleta da modalidade.

No entanto houve impossibilidade de entrevistar Guilherme Ângelo Raso, pois o mesmo não reside atualmente em Belo Horizonte. Porém, com o desenvolvimento da pesquisa o nome de outro professor foi sugerido: o Professor Ivany de Moura Bonfim, professor de Educação Física, que junto com Lincoln Raso, foi um dos grandes colaboradores para o desenvolvimento do Handebol em Minas Gerais.

Em um primeiro momento foi feito o contato com as pessoas selecionadas com a finalidade de conferir a disponibilidade de cada um para colaborar com a pesquisa. Foi entregue uma carta-convite, contendo as informações a seguir: apresentação da pesquisa e do CEMEF, Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, o qual a pesquisa está vinculada, o objetivo da pesquisa, o procedimento metodológico utilizado e verifiquei a disponibilidade para contribuir com o estudo (anexo I).

Depois de marcadas as datas dos encontros foi elaborado um roteiro para a entrevista, o qual procurei segui-lo, no entanto em alguns momentos surgiram novos questionamentos alterando, um pouco, a sequência do depoimento (anexo II).

As entrevistas foram realizadas no período de 14 de abril a 3 de maio de 2010. No primeiro momento da entrevista entregava uma carta de apresentação (anexo III), a qual apresentava o projeto e, posteriormente, explicava como seria o desenvolvimento da mesma. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para análise posterior, conclusão e conferência de algumas informações. As entrevistas transcritas seguiram os procedimentos éticos e metodológicos deste tipo de coleta de dados. Foi assinada, por cada depoente, uma carta de cessão de direitos autorais sobre depoimento oral (anexo IV).

Adotando esses procedimentos busco a construção de uma versão da história do Handebol, a partir das entrevistas realizadas, dialogando e interrogando os acontecimentos de maneira crítica, analisando os fatos históricos e o desenvolvimento da história.

Apresentação dos depoentes

Essa parte será dedicada a apresentar os depoentes, percorrendo pelas suas trajetórias de vida, a inserção do handebol na vida de cada um deles, suas relações com este esporte, os diferentes tipos de atuação, entre outros aspectos.

O primeiro depoente, Paulo Sérgio de Oliveira¹, com 49 anos de idade, conhecido pelos amigos e no Handebol pelo apelido de “Robusto”. Possui formação acadêmica em direito e exerce a profissão de advogado. Sua experiência com o Handebol começou ainda adolescente, em 1977, quando

¹ Essa entrevista foi realizada no dia 14 de abril de 2010, às 14:00h no gabinete de Paulo Sérgio de Oliveira. Entrevistadora: Gabriela Arantes.

era estudante da Escola Estadual Sagrada Família. Essa escola possuía algumas equipes de treinamento esportivo que se encontravam para a prática em um turno diferente do de aula, equipes de Handebol, basquete, voleibol e ginástica olímpica. Nesse contexto conheceu o Professor José Atayde Lacerda, que desenvolvia um trabalho com os esportes e focava muito no Handebol. O professor José Atayde o convidou para participar da equipe de Handebol. Dessa forma trilhou um grande percurso dentro da modalidade que permanece até os dias de hoje. Começou como atleta, ocupava a posição de goleiro, participando da equipe da escola, do SESC (Serviço Social do Comércio), do Esporte Clube Ginástico e da Seleção Mineira. Nesse percurso atuou posteriormente como árbitro da federação, diretor de árbitros e está atuando como Presidente da Federação Mineira de Handebol.

O Segundo depoente foi o Professor de Educação Física Ivany de Moura Bonfim², com 73 anos de idade, que já atuou em diferentes áreas dentro do campo da Educação Física. Foi aluno da Escola de Educação Física da UFMG, que funcionava na época na Gameleira, e se formou em 1965. Logo depois de formado começou a carreira com o futebol, trabalhando no Clube Atlético Mineiro. Por falta de afinidade, permaneceu apenas um ano. Decidiu então que trabalharia como Professor de Educação Física, começou no interior de Minas, nas cidades de Caeté e Matosinhos, permanecendo até 1970. Neste mesmo ano foi aprovado no concurso para professor da Universidade Federal de Minas Gerais, seguindo uma carreira com diferentes funções dentro da Escola de Educação Física, atuando também como Diretor e Chefe de Departamento, até sua aposentadoria em 1994. Quando terminou seu cargo como Diretor da Escola assumiu a presidência da Federação Mineira de Handebol por dois anos.

O contato com o Handebol iniciou-se quando estava atuando como Professor na Escola Estadual José Brandão, em Caeté, começou então a ministrar aulas de Educação Física para as alunas do curso de formação de professores e percebeu interesse das moças por esportes coletivos. No entanto,

² Essa entrevista foi realizada no dia 16 de abril de 2010, às 14:00h na Federação Mineira de Ginástica. Entrevistadora: Gabriela Arantes.

os esportes se reduziam ao basquete, futsal e voleibol. Foi quando, estudando, encontrou algumas notícias do Handebol, despertando um grande interesse. Procurou o Professor Lincoln Raso, que havia sido seu professor na graduação, pois sabia que estava desenvolvendo um trabalho com o Handebol. Com o aprendizado e trabalho coletivo, desenvolveram equipes nas escolas que trabalhavam e promoviam intercâmbios de informações para aprimorar o esporte. Atuou então como técnico das escolas e técnico da equipe do Clube Mackenzie, que era composta pelos universitários. Teve um papel fundamental como mediador cultural³, trazendo informações, reflexões e conhecimentos adquiridos durante suas viagens para a Argentina e Alemanha. Por volta de 1974/1975, afastou-se um pouco do Handebol se dedicando mais à Ginástica, sendo que já faz 15 anos que está trabalhando na Federação Mineira de Ginástica.

A terceira entrevista foi realizada com a Professora de Educação Física Isabel Montandon Soares⁴, com 60 anos de idade. Foi na Escola de Educação Física que teve seu primeiro contato com a modalidade, através do professor Lincoln Raso, na disciplina Atividades Desportivas. Nessa época um sueco, Erland Gustafson, treinador de Handebol do ESAB Esporte Clube, freqüentava a Escola. Quando a conheceu convidou para treinar Handebol, fazer um teste para participar da equipe, onde atuou como goleira. Posterior a participação como atleta atuou como técnica da seleção mineira e foi técnica de equipes femininas de Handebol durante vinte anos. No setor administrativo da modalidade atuou como superintendente técnica da Federação Mineira de Handebol e como diretora técnica da Federação Universitária Mineira de Esportes. Fez parte do quadro de professores da UFMG durante vinte e dois anos, onde ministrou a disciplina Handebol. Ainda possui contato com o esporte e já foi muitas vezes homenageada pela Confederação Brasileira de Handebol, tendo seu trabalho reconhecido historicamente.

³ Segundo Paiva (2008) mediadores culturais ou agentes mediadores são homens e mulheres que transitam o mundo e que são fundamentais para possibilitar a transferência de universos culturais. Essa idéia será melhor explorada no capítulo 3.

⁴ Essa entrevista foi realizada no dia 28 de abril de 2010, às 11:00h na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG. Entrevistadora: Gabriela Arantes.

O quarto depoente foi o Professor de Educação Física José Atayde Lacerda⁵ que está com 75 anos de idade. Veio do interior de Minas Gerais, Caratinga, para Belo Horizonte estudar Educação Física. Quando completou sua graduação, em 1960, fez especialização em voleibol e basquete. Nos anos seguintes começou sua carreira profissional trabalhando no SESI, que estava localizado na Cidade Industrial de Belo Horizonte. Nesse ambiente conheceu o Handebol através de Erland Gustafson com seu trabalho na ESAB. Em um momento posterior, atuou também no Colégio Estadual Central onde teve um segundo contato com Erland Gustafsson e assim pôde aprofundar seus conhecimentos. Quando foi designado para a Escola Estadual Sagrada Família iniciou um trabalho com equipes esportivas, primeiramente com voleibol, ginástica olímpica e basquete. Como o interesse pelo o Handebol era grande começou a desenvolver um trabalho com essa modalidade, que posteriormente cresceu, provocando o seu abandono das outras modalidades. Foi técnico de diversas equipes femininas e masculinas em Belo Horizonte, como as do Colégio Marista Dom Silvério e do Colégio Pio XII. Foi técnico da Seleção Mineira de Handebol e hoje é uma das maiores referências do esporte em Belo Horizonte.

Construindo a História do Handebol em Minas Gerais

Precisar os primórdios de um esporte é uma tarefa complicada, cada sujeito possui uma versão ou uma sugestão do provável início. No entanto, com as entrevistas realizadas foi possível perceber pontos convergentes e um direcionamento para escrever essa história.

As primeiras notícias do Handebol em Belo Horizonte e em Minas Gerais se assemelham com a origem do futebol no Brasil. De acordo com Antunes (1994) o futebol no Brasil teve origem nas fábricas. Entre os clubes de fábrica, o mais famoso foi o mantido pela Fábrica de Tecidos Bangu do Rio de Janeiro.

⁵ Essa entrevista foi realizada no dia 3 de maio de 2010, às 10:00h Residência do Professor José Atayde Lacerda. Entrevistadora: Gabriela Arantes.

Esse clube foi fundado por funcionários ingleses, *“para se divertirem nas horas de folga”* (ANTUNES, 1994, p. 104). Para ser possível a realização de jogos eram necessárias duas equipes e para isso se concretizar foi preciso recorrer aos operários da tecelagem para completar os times. Dessa forma, *“os trabalhadores tiveram acesso a um jogo até então exclusivo da colônia inglesa e das camadas sociais mais favorecidas”* (ANTUNES, 1994, p. 104).

Sevcenko (1994) afirma que a rapidez da expansão do futebol e sua popularização dentre as massas populares, deveu-se especialmente ao contexto das cidades industriais. Um ambiente criado pelo crescimento acelerado das cidades em processo de industrialização. Nesse contexto, as pessoas se mudavam para as grandes metrópoles, em busca de emprego, sendo que o futebol teve papel importante para o processo de socialização das famílias. Dessa forma, aponta a Revolução Científico-Tecnológica como responsável pelo fluxo de pessoas para as metrópoles, aumentando o crescimento urbano, sendo que o futebol tentava compensar a riqueza dos laços afetivos de que os trabalhadores foram privados com a industrialização (SEVCENKO, 1994).

No Brasil, tiveram outros clubes fábricas, como por exemplo, o Votorantin Athletic Club (Fábrica de Tecidos Votorantin – Sorocaba/ São Paulo), mas todos esses clubes possuíam um mesmo princípio. O número de clubes fábricas foi crescendo e eram formados pelos trabalhadores, com o apoio das empresas, formando assim uma tradição de futebol amador. A prática se tornou possível com a ajuda e incentivo das fábricas, cedendo locais para os jogos e materiais. No entanto, a organização dos clubes foi crescendo e o profissionalismo tomou o lugar do amadorismo. Ocorriam disputas para entrar nos times, ocupando as posições somente os melhores jogadores, sendo que estes recebiam incrementos nos salários, prêmios, entre outros incentivos, por fazerem parte do time. Assim, o significado do futebol foi mudando, inicialmente como prática lúdica e de socialização, para a profissionalização e uso também do esporte como forma de publicidade para as empresas. No entanto, possibilitou, por muito tempo, que *“homens simples tivessem acesso a um bem cultural desconhecido”* (ANTUNES, 1994, p. 106).

Trago esses dados da história do futebol para comparar com os indícios da chegada do Handebol em Minas Gerais que, como citado anteriormente, tem muito em comum. Existem notícias de que existiam jogos de Handebol nas fábricas. Para isso vou me dedicar a apresentar um pouco do contexto e o que estava acontecendo na época.

Belo Horizonte é uma cidade que possui uma história relativamente recente. Ao longo das décadas foi crescendo e tornando-se uma grande metrópole. A década de 1940 trouxe o avanço da industrialização, além da criação do Complexo Arquitetônico da Pampulha, inaugurado em 1943, por encomenda, do então prefeito Juscelino Kubitschek. Nas décadas seguintes o aumento da população foi considerável. Nesse contexto de crescimento urbano e industrial, foi criada a Cidade Industrial, em 20 de março de 1941, pelo Decreto nº 770 do Governo do Estado, com o nome de Cidade Industrial Juventino Dias. A inauguração de fato se deu em 1946. Neste bairro se localizam importantes indústrias da cidade como a Magnesita, Belgo-Arcelor, Magoteaux, CEMIG, FIAT allis, Vilma Alimentos, ESAB, entre outras.⁶

Os anos quarenta foram caracterizados pela modernização da arquitetura da cidade. Já os anos seguintes, a década de 50, foi conhecida como década da indústria, devido ao grande desenvolvimento da cidade e da Cidade Industrial, nas proximidades de Belo Horizonte (Contagem). Esses fatores foram fundamentais para o aumento êxodo rural, assim a população da cidade dobrou de tamanho, passando de 350 mil para 700 mil habitantes.⁷

Com o processo de industrialização e vinda de indústrias estrangeiras vieram com elas pessoas com culturas diferentes, que traziam novidades para a cidade. Em 1954, foram inauguradas as instalações da Mannesmann, empresa siderúrgica alemã. Com isso vieram vários funcionários alemães e também professores que desenvolviam o Handebol – o de salão, com sete jogadores e o de campo, com onze jogadores – foi assim que Ivany Bonfim relatou em seu depoimento.

⁶ Informação retirada do site da Prefeitura de Belo Horizonte. <http://portalpbh.gov.br/pbh> acessado no dia 17 de maio de 2010 às 14:33.

⁷ Informação retirada do site da Prefeitura de Belo Horizonte. <http://portalpbh.gov.br/pbh> acessado no dia 17 de maio de 2010 às 14:33.

Nessa mesma época, foi inaugurada a ESAB, *Elektriska SvetsningsAktieBolaget*, fundada em 1904 em *Göteborg*, Suécia. É uma empresa especializada em soldagem e corte, com sede em Contagem-MG, na Cidade Industrial, a ESAB inaugurou sua fábrica em 24 de setembro de 1955⁸. Os depoentes confirmam que foi nessa fábrica que iniciaram as primeiras manifestações do Handebol feminino na cidade de Belo Horizonte, através do sueco Erland Gustafson, que ocupava o cargo de gerente administrativo do ESAB. Erland Gustafson foi jogador de Handebol da equipe sueca, sempre praticou e teve equipes de Handebol.

Através das narrativas dos depoentes foi possível perceber a importância do Sr. Erland Gustafson para o Handebol mineiro, sendo ele um dos principais sujeitos para a divulgação do Handebol em Belo Horizonte, tendo atuado em diferentes locais e com diferentes pessoas. Outro dado relevante, apresentado pela depoente Isabel Montadon, é a prática do esporte no Minas Tênis Clube (MTC), clube localizado na região centro-sul de Belo Horizonte, na década de 60. Gustafson era freqüentador do MTC, juntamente com sua esposa, e nesse local começou a desenvolver o Handebol com as moças que o freqüentavam na época. No entanto essa prática não ocorreu por muito tempo, devido alguns problemas que serão discutidos posteriormente.

Foi relatado que as primeiras notícias do esporte e esse desenvolvimento nas escolas ocorreu no final da década de 60 e início da década de 70.

Foram vários os lugares apontados pelos depoentes como locais de prática do Handebol, principalmente as escolas. Como na Escola Estadual Sagrada Família e no Colégio Estadual Central. Sendo que, há notícias que esse segundo, foi um dos principais responsáveis pela divulgação dos esportes em Belo Horizonte, tendo uma forte tradição no setor esportivo. Isabel Montandon, José Atayde e Ivany Bonfim confirmam a presença do técnico Erland Gustafson no Colégio Estadual Central, ajudando o Professor Lincoln Raso nos treinamentos e trocando conhecimentos, foi um dos responsáveis

⁸ Informação retirada do site da ESAB. <http://www.esab.com.br/br/por/Sobre/historia.cfm> acessado no dia 17 de maio de 2010 à 13:00.

pela introdução do Handebol nessa escola, tanto feminino como masculino. Sendo essa uma ação importante para divulgação do esporte entre os professores de Educação Física e os técnicos da modalidade. Foi através desses dois sujeitos que o Handebol se configurou, e os dois se tornaram referências para o aprendizado da modalidade em questão. Afinal, o professor Lincoln Raso era professor da Escola de Educação Física (UFMG) e ministrava aulas de Handebol na faculdade.

Ivany confirma que o professor Lincoln ajudou bastante nos conhecimentos sobre o esporte, colaborando assim para que ele conseguisse montar equipes de Handebol nas cidades do interior, tais como Caeté e Matozinhos, nas quais ele desenvolvia um trabalho com a Educação Física escolar. Da mesma forma que ajudou muito o professor José Atayde a desenvolver as técnicas e táticas, aprendidas através dos dois, na Escola Estadual Sagrada Família, como foi relatado pelo mesmo.

Quando o Handebol passou a ser, realmente, conhecido pelos alunos do Estadual Central e pelos alunos da Escola de Educação Física, não existiam atletas específicos da modalidade, então os jogadores das outras modalidades, como do basquete e do voleibol, começaram a jogar também o Handebol. Uma das primeiras equipes específicas de Handebol foi formada, por volta dos anos de 1968/1969, como afirma Ivany Bonfim.

Todos os depoentes afirmaram que o Handebol em Minas Gerais teve grande força e expansão nas escolas, sendo que o Handebol existe nas escolas e que foi nesse ambiente que surgiram os primeiros atletas, dando início a suas experiências com a modalidade.

Isabel relatou que o Sr. Erland Gustafson, tinha como princípio ensinar o esporte para ser praticado como momento de lazer. No entanto, com a organização dos clubes e com um número maior de equipes foi criada a Federação Mineira de Handebol, em 1971, como relatou Paulo Sérgio de Oliveira.

Vários foram as ações que contribuíram para o desenvolvimento e divulgação do esporte. Em um primeiro momento, como relatado pelo José

Atayde e Ivany Bonfim, o estudo e a troca de informações foram essenciais. Afinal ninguém sabia nada, precisava aprimorar o conhecimento, traduzindo os livros de outras literaturas, fazendo intercâmbios com equipes estrangeiras, participando de campeonatos, entre outras ações.

Em um segundo momento a divulgação passou a ser feita pelos próprios sujeitos que atuavam em Belo Horizonte, por exemplo, Lincoln Raso, Jose Atayde Lacerda e Ivany Bonfim. Sendo eles responsáveis por ministrar cursos no interior, ensinando o que tinham aprendido. Outra informação importante é com relação as Jornadas Culturais da UFMG, que eram dedicadas ao aprimoramento do conhecimento dos professores de Educação Física. José Atayde relata como foi importante a vinda de professores estrangeiros e de outros estados para dividir com eles e com os professores do interior o aprendizado que eles possuíam.

Dessa forma aumentando o número de pessoas praticando o Handebol no interior de Minas Gerais. Os depoentes confirmam que, em nosso estado, o Handebol cresceu mais no interior do que na capital, tendo uma participação mais significativa. Segundo relatou Paulo Sérgio de Oliveira, já nos anos 80, o JIMI (Jogos do Interior de Minas Gerais), teve papel fundamental para a divulgação e crescimento da prática no interior.

Isabel relatou outras ações da Federação Mineira de Handebol, que ao longo dos anos, tem contribuído também para o desenvolvimento do esporte. Como os festivais de Handebol que eram organizados por ela, com a ajuda da Federação. Esses ocorriam no Colégio Estadual Central, na década de 80, e contavam com a participação de muitos alunos da maioria das escolas de Belo Horizonte. Na década de 90, outros festivais e campeonatos foram realizados com o intuito de difundir o esporte e a prática, no entanto, percebe-se que está acontecendo um refluxo da prática, diminuindo o número de clubes e escolas participantes dos campeonatos, o número de escolas que proporcionam a prática. Os professores Ivany Bonfim e José Atayde deixam claro nos relatos a insatisfação com a redução da prática do esporte e percepção de que nas décadas de 70 à 80 o número de participantes era muito maior.

O professor José Atayde ressaltou em seu relato a importância do Handebol para alguns de seus ex atletas e o significado na vida de cada, sendo que foi um momento importante para criar laços fortes de amizades e de valores para a vida. Orgulha-se em dizer que hoje, alguns de seus ex alunos da década de 80, criaram dois times e se reúnem, ainda hoje, para participar de campeonatos e também simplesmente praticar o esporte como forma de lazer e de maneira lúdica.

Dediquei nesse capítulo a apresentar alguns dados relevantes, que contam algumas versões da história do Handebol em Minas Gerais. No próximo capítulo serão retomados alguns pontos marcantes, analisando e discutindo.

CAPÍTULO 3

Aprofundando a discussão – Dos sujeitos e práticas à circulação cultural

Nesse capítulo foram selecionados alguns assuntos relevantes, que surgiram durante os depoimentos, para serem melhor explorados. Distribuídos em dois eixos temáticos, o primeiro abordará os sujeitos que organizavam e participaram da prática, relacionando-os com os lugares onde aconteciam os encontros para treinamento e lazer e o segundo abordará a circulação cultural, sendo essa uma das principais formas de divulgação e propagação do esporte e do conhecimento sobre ele em Minas Gerais.

Sujeitos, Lugares e Práticas

No decorrer dos depoimentos vários foram os nomes apontados como responsáveis por organizarem a prática ou por participarem dela como atletas. Alguns muito recorrentes, como é o caso do Sr. Erland Gustafson, apontado como o principal responsável pela introdução do Handebol em Belo Horizonte, na fábrica da ESAB e em outros lugares. Nessa fábrica o Handebol era desenvolvido, inicialmente, como prática de lazer para as funcionárias da ESAB e das outras indústrias localizadas na mesma região, como relatou Isabel Montandon. Em um outro momento outras pessoas começaram a freqüentar os treinamentos, como o caso da própria Isabel, que era aluna da Escola de Educação Física e, aos finais de semana, participava dos treinamentos junto com as funcionárias e outras estudantes do curso, por exemplo, a estudante de Educação Física, Maria Cristina Caldeira.

O Sr. Erland Gustafson atuou também no Minas Tênis Clube, onde era sócio e juntamente com sua esposa reuniu um grupo de moças para jogar Handebol. No entanto, segundo Isabel Montandon, a prática se encerrou devido

ao preconceito, mas algumas alunas ainda continuaram praticando o esporte na ESAB. O preconceito dentro do Handebol esteve muito presente nas décadas de 60 e 70, ou seja, nos anos iniciais da prática. Segundo relatou Ivany Bonfim e Isabel Montadon, tanto os homens quanto as mulheres sofriam preconceito. Os homens sofriam, pois na época o esporte para os meninos era o futebol. Nos festivais e exposições do esporte, alguns que aconteciam na Associação Cristã de Moços (ACM), os meninos eram agredidos verbalmente, ouvindo que não se jogava bola com as mãos, que isso era coisa “de moça”. No caso das meninas a situação era o contrário, como era um esporte que demandava muita força física e possuía características ditas “grosseiras”, elas sofriam preconceito, sendo muitas vezes chamadas de homens.

As questões de gênero são assuntos presentes em nosso cotidiano, fazem parte da cultura, além de estar presente dentro dos esportes e dos locais os quais frequentamos. A cultura se transforma com as gerações, com os espaços, com os sujeitos e é influenciada por uma série de fatores. Como ressalta Louro(2002), a cultura não é homogênea e monolítica e sim “complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua.” Existe um “padrão” de sexualidade e gênero que perpassam a sociedade, influenciando suas decisões e valores. O que seria normal? Há um único modo de masculinidade e feminilidade? Existe apenas uma forma sadia de sexualidade? No esporte é fácil encontrar alguns estereótipos, do tipo que quem faz determinado esporte segue uma orientação sexual, em um outro talvez siga outra diferente.

Como ressaltou Isabel Montandon em seu depoimento, não quer dizer que não existiam homossexuais jogando Handebol, mas nem todo mundo era. O Handebol também possui uma cultura e característica que são múltiplas, contemplando vários tipos de sujeitos, crenças, etc.

Resgatando essa informação valiosa quanto ao esporte dentro de um clube de lazer tradicional Mineiro, foi possível perceber que o clube, MTC, carrega ao longo da história algumas marcas de exclusão de alguns esportes e/ou de pessoas. Criando uma cultura e uma tradição influenciável pelos sujeitos que organizam essa instituição esportiva e de lazer. No entanto não sabemos ao certo se tiveram mais motivos para a eliminação da prática do

Handebol nesse local. O que se sabe de fato é que o Handebol não vigorou nesse espaço, e não foi possível encontrar nos registros históricos do clube algo que mencionasse a existência desse esporte nas décadas de 60 e 70.

Outro local onde esse mesmo professor atou foi no Colégio Estadual Central, ajudando a organizar a prática junto com os outros professores de Educação Física dessa escola, sendo o professor Lincoln Raso uns dos principais idealizadores do esporte nesse espaço. Segundo foi relatado por todos os depoentes, o professor Lincoln Raso era a pessoa em Minas Gerais que estava envolvida com o Handebol. Atuando como professor da Escola de Educação Física, da disciplina atividades desportivas, sendo um dos responsáveis pela circulação do conhecimento.

Ivany Bonfim e José Atayde Lacerda relataram que naquela época o Handebol tinha uma característica marcante, a de acolhimento e envolvimento familiar. O próprio Professor Lincoln Raso, levou os filhos para dentro do esporte, com a intenção de deixar valores e um certo envolvimento dentro do esporte para a vida de cada deles. Gustavo Raso e Guilherme Ângelo Raso (conhecido como “Toco”), seus filhos, foram atletas da modalidade, atuando no Esporte Clube Ginástico e na Seleção Mineira. Hoje em dia, Guilherme Raso é o atual vice-presidente da Confederação Brasileira de Handebol.

Assim como o exemplo desses dois ex-atletas alguns nomes são sempre lembrados como atletas que fizeram parte dessa história. A maioria deles citados por Paulo Sérgio de Oliveira quando estava lembrando de seus colegas do esporte. É o caso de Ricardo Prado, “Bacalhau” (Ricardo Avelino Trade), “Canhão” (Nilton Cruz), Antônio Muzzi, “Jamanta”, Fred, “Lelei”, José Augusto, Marquinhos, Jorge Loder, Julião e muitos outros. A maioria das pessoas que praticava o esporte se conhecia na escola, esse era o primeiro espaço de formação de um círculo de convivência. Os atletas que se destacaram e conseguiram crescer dentro do esporte, tendo a oportunidade de jogar em Clubes, como no Esporte Clube Ginástico e na Seleção Mineira, fizeram desses outros espaços momentos importantes de práticas sociais e criação de fortes laços de amizades.

Paulo Sérgio Robusto e José Atayde Lacerda relaram a importância do esporte para a vida social, para estabelecimentos de valores e para o ciclo de amizades. É fácil perceber esse carinho e dedicação ao Handebol quando encontramos alguns ex-atletas praticando ainda hoje a modalidade, como é o caso de dois clubes que existem ainda hoje. O “J.A.L”, cuja a sigla significa José Atayde Lacerda, uma homenagem ao seu ex-técnico, e o “Sem Nada”⁹, denominado assim por não possuírem bolas, coletes e outros materiais devido à um assalto ao carro de um dos integrantes da equipe que estava com todo o material que eles possuíam.

Foram muitos os que participaram da modalidade e que contribuíram para que ela prosperasse. Muitos ex-atletas de Lincoln Raso e José Atayde Lacerda são hoje técnicos ou atuam dentro do Handebol, dando dessa forma uma continuidade ao trabalho.

Não que se mantenha da mesma forma como quando estava no início, afinal muitas foram as mudanças. Em todos os relatos foi possível notar uma certa tendência ao avanço do Handebol, como se ele estivesse crescendo no Brasil. Dado esse comprovado devido a maior representatividade do nosso País no cenário mundial, devido as conquistas nos jogos Olímpicos, Pan-Americanos e Mundiais. No entanto, será que isso é popularização do esporte? A prática tem aumentado? O que significa ser mais conhecido?

Os depoentes foram um pouco contraditórios ao falarem da popularização e “evolução” do esporte. Por um lado apontaram a representatividade aumentada como um fator importante para a história do Handebol e sua permanência. Por outro lado apontam várias ações que prejudicaram a prática do Handebol e demonstram como essa prática tem diminuído nos clubes e, principalmente, nas escolas.

Ao analisar os depoimentos, percebemos a existência de vários clubes e escolas. Nas décadas de 70 e 80 existia o Esporte Clube Barroca, o ESAB,

⁹ Existem algumas controvérsias quando ao real nome desse time. Foi descrito por José Atayde Lacerda como “Sem Nada”, no entanto através de conversas com atuais técnicos e amigos do time descobri que o nome provavelmente utilizado seja “Dos outros”, mantendo a mesma justificativa do nome.

CRESP (Clube Recreativo dos Servidores Públicos), o Esporte Clube Ginástico, o Atlético Mineiro, o Pitágoras, o Roma, o Mackenzie, que sediava a quadra para o treinamento da seleção universitária, e além desses tinham as escolas. Hoje em dia, o número de escolas participantes dos campeonatos escolares tem diminuído e o número de clubes também, tendo permanecido somente o Esporte Clube Ginástico, apenas no âmbito feminino. Assim fica fácil perceber um refluxo quanto à prática, mesmo que o esporte esteja com maior visibilidade e presente na cultura dos jovens,

Fica difícil pensar o que realmente mudou e, principalmente, o que provocou tais mudanças. O porque da prática diminuir ainda é uma incógnita que precisa ser melhor explorada. Não estou dizendo que a prática acabou, ainda existem escolas que desenvolvem trabalhos com o Handebol.

No entanto, ao analisar os depoimentos, Ivany Bonfim relatou um Handebol diferente, quando o trabalho com a modalidade estava em seu início. O que ele mesmo chamou de um espírito *fair play*, com uma participação e atuação digna e decente. Destacando um caráter amador do esporte. Esse espírito amador foi destacado também por Paulo Sérgio e Isabel Montandon, quando apontam um Handebol como atividade extra. Os sujeitos que participavam das práticas eram estudantes e trabalhadores, então se resumia a uma prática mais dedicada ao lazer, não que não houvesse competição. O time feminino, como apontou Isabel, possuía como freqüência da pratica somente os finais de semana e, às vezes, algumas equipes masculinas conseguiam se encontrar três vezes por semana para os treinamentos.

Uma questão interessante apontada pelos depoentes foi com relação a prática da modalidade no interior, que atualmente é maior do que na capital. Era função dos professores de Educação Física das cidades organizarem as práticas e campeonatos nas praças de esporte das prefeituras. Um trabalho bastante citado foi o desenvolvido por Wilson Bonfim, inicialmente no interior e posteriormente com algumas equipes da capital. O Handebol se desenvolveu bastante no interior e aumentou sua popularidade, sendo que o JIMI foi um dos grandes responsáveis por essa ação.

Muitos foram os órgãos, entidades e pessoas que fizeram parte da história e ajudaram a construí-la. Ivany Bonfim citou a importância da Diretoria de esportes de Minas Gerais, da Escola de Educação Física, do Ministério do Esporte e da Secretaria de Educação como o apoio e as iniciativas que colaboraram para que algumas ações ocorressem. Cada ação proporcionou a existência de um pedaço da história, criando algumas características que são peculiares desse esporte.

Circulação Cultural - O movimento do conhecimento

Ao analisar as entrevistas um questionamento surgiu. Como o conhecimento acerca do Handebol chegou ao Brasil? Como as idéias circulavam e as boas e más experiências foram compartilhadas?

O conhecimento sobre as técnicas e táticas de jogo, formas diferentes de treinamento, melhores práticas circulavam entre os estudos e conversas dos professores de Educação Física que atuavam na época. Segundo Paiva (2008) tudo que circula, recebe, dependendo do seu ambiente cultural e o seu tempo, novos significados e usos. Com o Handebol, as informações chegavam, no entanto eram re-significadas de acordo com as características culturais e a história da modalidade no País. As informações, os costumes, as experiências são compartilhadas através do trânsito de culturas, que foi possível a partir do contato dos professores daqui com alguns estrangeiros. O que, segundo Paiva (2006, p.100), permite “fomentar a produção de novas maneiras de pensar”.

Podemos então falar em uma circulação cultural, começando a partir do primeiro contato com o desconhecido, fase de estranhamento e adaptação de conceitos à realidade. Pensando que o contato com o outro não significa imposição de costumes e sim troca de conhecimentos. A partir desse contato se conhece e re-significa as práticas, possibilitando que as experiências continuem sendo trocadas a partir do encontro com o desconhecido. Dessa forma, podemos também falar de circulação do conhecimento através do

diálogo entre os sujeitos, ou até mesmo através do contato direto com a outra cultura.

Resgatando a versão da história do Handebol que foi contada anteriormente, identifico o Sr. Erland Gustafson, como um dos responsáveis por possibilitar o primeiro contato de alguns professores de Educação Física com uma prática que até então eles não conheciam. Este senhor, de origem sueca, começou a organizar práticas de Handebol na empresa a qual trabalhava, característica que trouxe com ele como parte de sua cultura. Possibilitando dessa forma, que outras pessoas tivessem acesso a esse conhecimento e experiência.

Foram várias as ações que possibilitaram as trocas de informação, conhecimento, técnica, etc. Segundo relatou Ivany Bonfim os professores envolvidos com Handebol na época, procuravam estudar e encontrar para discutir as novidades e as maneiras de desenvolver o esporte. Na época, a literatura se resumia as fontes alemãs, francesas e espanholas. Então era necessário traduzir os livros para analisar as informações. Com a ajuda do Professor Lincoln Raso que falava Francês e da esposa de Ivany que falava alemão, foi possível acessar essa literatura e entender um pouco melhor sobre as técnicas e táticas de jogo.

Ivany Bonfim e Erland Gustafson foram importantes mediadores culturais, ou seja, responsáveis por buscar as informações e fazê-las circular. Para Paiva (2008) os mediadores culturais, ou agentes mediadores são os sujeitos que possibilitam a “transferência de universos culturais”.

Serge Gruzinski, citado por Thais Fonseca, chama esses sujeitos de *passeurs culturels* traduzidos como mediadores culturais.

“Os *passeurs culturels* são elementos – pessoas, objetos – que atuam como mediadores entre tempos e espaços diversos, contribuindo na elaboração e na circulação de representações e do imaginário. Por seu forte enraizamento e sua grande mobilidade, esses mediadores atuam como catalizadores de

idéias, sendo capazes de organizar sentidos e de criar um sistema de conexões dentro do universo cultural no qual transitam. A atuação desses mediadores permite entender como os diversos universos culturais se entrecruzam” (FONSECA, 2008, p.68)

Ao analisar as trajetórias de vida desses dois sujeitos citados anteriormente é fácil perceber suas funções como mediadores e sua importante contribuição para a história do handebol e aprimoramento do conhecimento sobre o esporte no Brasil.

Ivany, durante sua atuação dentro da história do Handebol, teve a oportunidade de fazer duas viagens importantes e que muito contribuíram para aumentar o conhecimento sobre esse esporte que estava chegando. Uma viagem para a Alemanha Oriental durante o Campeonato Mundial de Handebol no ano de 1974. O que proporcionou que ele conhecesse um Handebol diferente do que ele já havia visto até então. Vendo as principais e melhores seleções jogarem, como a da própria Alemanha, Dinamarca, Rússia, Romênia, entre outras. Sendo que as principais novidades foram com relação a participação do goleiro, substituições e movimentação de jogo. Outra viagem realizada foi para a Argentina, a qual Ivany não soube precisar a data, sabendo somente que foi anterior à 1974. Este país era conhecido por possuir um Handebol de boa qualidade. Teve a oportunidade de conhecer importantes representantes do esporte desse país, com experiências diversas, como ex-atletas, técnicos da seleção Argentina e autores de livros de Handebol. Ao voltar dessas viagens pôde compartilhar todo o aprendizado com seus colegas que estavam trabalhando com isso por aqui, principalmente com o Professor Lincoln Raso, pois possuíam um trabalho em parceria e de mutua colaboração.

Outros fatores foram importantes para o aprendizado, como o contato com equipes mais experientes e muitas vezes de outros países. Em um Campeonato Brasileiro, que foi realizado em Brasília, a equipe de Ivany Bonfim e Lincoln Raso, teve a oportunidade de se hospedar junto com a equipe de São Paulo. Que era a equipe mais experiente, com maior número de participações

em campeonatos e que possuía jogadores da Seleção Brasileira, era então considerada uma “escola” para as equipes que estavam iniciando suas atividades. Com a proximidade, tiveram oportunidade de acompanhar alguns treinamentos e treinar juntos, acrescentando muito para os meninos/atletas na questão da troca de experiências e amadurecimento e para os treinadores na parte teórica e prática, inovando em alguns quesitos de treinamento.

Os intercâmbios foram essenciais para o aprimoramento da técnica e aprendizado com o outro. Muitas viagens eram realizadas para poder jogar com times de São Paulo ou eles vinham até Minas Gerais para jogos amistosos. Também se tem notícias que uma equipe alemã que veio jogar aqui e que foram realizados alguns intercâmbios com a Argentina.

Algumas viagens internacionais também contribuíram para o enriquecimento técnico e teórico dos jogadores e treinadores. Em um primeiro momento, um Romeno veio para o Brasil ministrar cursos para os professores de Educação Física, depois foi realizado um intercâmbio para a Romênia. O intuito era a realização de um curso nesse País, com a presença de professores de Educação Física de várias partes do Brasil. Segundo relatou José Atayde, aproximadamente 15 professores foram para o curso, permanecendo por três meses. Além dos professores, uma equipe com dezesseis atletas os acompanhou. Essa foi uma ótima oportunidade para conhecer como o handebol era jogado na Europa, possibilitando um entrosamento maior da equipe e aprimoramento dos futuros treinamentos no Brasil.¹⁰

Uma ação interessante que acontecia nas década de 70 e 80 eram os cursos sobre esportes, Educação Física, que os professores daqui de Belo Horizonte, como Ivany Bonfom, Lincoln Raso, José Atayde Lacerda, entre outros, ministravam pelo interior. Divulgando o handebol e compartilhando os conhecimentos que possuíam, uma vez que tiveram melhores oportunidades de aprender sobre esse assunto.

¹⁰ Não foi possível precisar as datas, pois nos depoimentos do Professor José Atayde Lacerda elas não foram citadas.

José Atayde Lacerda destacou a importância do que ele chamou de “Jornadas Culturais da UFMG”, para o aperfeiçoamento e capacitação dos professores. Segundo ele esses eram eventos realizados pela Escola de Educação Física, com o intuito de oferecer enriquecimento acadêmico e prático para os professores e contava com a participação de importantes professores da área, vindos de diferentes partes do Brasil e alguns professores do exterior. Esses eventos contavam com a participação de professores que estavam atuando no estado de Minas Gerais de maneira geral, colaborando para a divulgação das “novidades” pelo interior do estado.

Assim encerro essa parte da História do Handebol em Minas Gerais, deixando aberto outras possibilidades. Existem ainda outros eixos temáticos para serem aprofundados e explorados. Neste estudo me dediquei a esses pontos que selecionei e foram discutidos. Para trabalhos futuros, talvez, seja possível levantar outras fontes, podendo até aparecer novas possíveis versões para essa história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado tinha como objetivo construir uma versão da história do handebol em Minas Gerais, no entanto ao pesquisar nas fontes “tradicionais”, livros, artigos de revistas, jornais, entre outras, quase nenhum registro foi encontrado sobre essa história específica. Foi possível encontrar notícias de uma história geral dessa modalidade, como os indícios de seu surgimento como esporte, tratado aqui como um esporte moderno, notícias da sua possível chegada no Brasil e alguns registros de campeonatos universitários realizados em Belo Horizonte.

Dessa forma, uma questão surgiu: afinal como seria possível chegar as fontes para pesquisar essa história? Assim, foi preciso recorrer a chamada história oral, que utiliza, além das fontes escritas, de entrevistas com pessoas que fizeram parte da história para construir e pesquisar os fatos que originaram um determinada versão histórica. Através de algumas leituras e a minha própria experiência com o handebol, cheguei a alguns nomes que foram recorrentes e importantes. Sendo esses os principais responsáveis pela construção da minha fonte de pesquisa, ou seja, os depoentes.

Depois de realizada as entrevistas, elas foram transcritas e analisadas, proporcionando uma enorme quantidade de fatos importantes para a construção de uma versão da história do handebol em Minas Gerais.

Com isso uma história foi construída. O Handebol em Minas Gerais teve suas primeiras manifestações por volta da década de 50 e 60. Possuindo duas versões, uma onde a Mannesman é a responsável por começar a prática e outra que responsabiliza a ESAB, no entanto se assemelham quanto a sua origem nas fábricas.

Na ESAB, o sueco Erland Gustafson, era o organizador da prática, sendo também responsável pela divulgação do esporte em outros espaços. Como, por exemplo, no colégio Estadual Central, um local importante de prática dessa modalidade.

Outros nomes como de Lincoln Raso, Ivany Bonfim, José Atayde Lacerda são recorrentes e responsáveis por algumas ações do percurso que o handebol teve.

Foram vários os aspectos e fatos anunciados. Dessa forma, foi possível sim escrever a “nossa” história do handebol mineiro, história essa construída por mim e pelos depoentes. Conseguindo alcançar os objetivos propostos.

No entanto, com base nas versões históricas apresentadas e com as análises das transcrições, fica evidente que esse estudo ainda tem muitas possibilidades de aprofundamento. Foi possível constatar outros assuntos e eixos temáticos que podem ser melhores explorados, questionados e analisados.

Existem ainda outras pessoas que poderia ser entrevistadas, como ex-atletas e técnicos, para ajudar a confirmar essa história, ou criar novos questionamentos.

Esse estudo também se restringiu algumas vezes aos depoimentos orais. Acredito que seja necessário para pesquisas futuras vasculhar melhor os acervos pessoais, explorando o acervo iconográfico e os recortes de jornais, além das carteirinhas da Federação, das medalhas e tudo que possuir referente ao seu envolvimento com a modalidade.

Neste momento, começo uma nova fase como bolsista do CEMEF, do projeto “Coleção História Oral: Memória de Esportes e Ruas de Recreio”, este, a princípio, objetiva a investigação histórica do futebol de salão, da peteca e das Rua de Recreio. No entanto, não exclui a possibilidade de ampliação dos eixos, podendo se estender também ao handebol.

Uma possibilidade é realizar uma continuação dessa pesquisa, investigando os ex-atletas, os acervos pessoais e alguns museus que possam possuir fotografias e outras fontes para contribuir com a pesquisa.

Outra idéia seria possibilitar um encontro entre esses depoentes dessa primeira pesquisa para dialogar e discutir, com base em roteiro algumas

questões. Afinal, uma discussão entre esses sujeitos poderia contribuir para esclarecer algumas dúvidas e controvérsias.

Dessa maneira, deixo aqui algumas possibilidades e gostaria muito que essa história e a de outros esportes fossem melhor pesquisadas. É uma experiência muito interessante descobrir as proximidades das pessoas e dos esportes, e também, a importância que essa história teve para a vida das pessoas. Além de contribuir para a construção da memória dos esportes e da Educação Física. É preciso que mais pessoas se interessem e pesquisem a história, afinal só é possível refletir o presente, quando conhecemos o passado e refletimos sobre ele. Foi muito gratificante realizar esse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, F. M. R. F. *Futebol, Metrôpoles e Desatinos*. Revista USP – Dossiê Futebol. São Paulo, v.22, p. 102 - 109

CARR, Edward Hallet; ALVERGA, Lucia Mauricio. *Que e historia?: Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, cap. 1, p. 11-29.

DACOSTA, Lamartine Pereira. *Atlas do esporte no Brasil: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil = atlas of sports in Brazil : atlas of sport, of physical educati*. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 281 – 284.

FERREIRA, Pedro. *Handebol de Salão*. São Paulo: Cia. do Brasil, 215p.

FONSECA, T. N. L. *História da Educação e História Cultural*. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 287 p

GINZBURG, Carlo; AMOROSO, Maria Betania. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 309p

HANDEBOL: regras. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano VII, n. 46, p. 32-33, out. 1939.

HANDEBOL: regras. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano VII, n. 47, p. 39-40, dez. 1939.

HANDEBOL: regras. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano X, n. 48, p. 37- 38, set. 1941.

HOMAS, Francisco. *Manuales para especialistas de La organizacion juvenil Española – Balonmano*. Espanha, 1972, 190p.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Métodos e fontes na história da Educação Física*. In: Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG-FEF, 1996, p. 35-49

LOURO, G. L. *Currículo, gênero e sexualidade – refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”*. Disponível em: http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/guacira1.html Acessado em 31 de maio de 2010 às 14:24

MELO, V. A. . *Reflexões sobre a História da Educação Física no Brasil: uma abordagem historiográfica*. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1996, Belo Horizonte. Coletâneas. Belo Horizonte : UFMG, 1996

MENDES, Lamartine B.. *Táticas de Andebol de Salão – Defesa*; Revista de Educação Física do Exército; Rio de Janeiro, 1959, n.91, p. 10-12.

NUNES, Clarice. *Os desafios da pesquisa Histórica*. In: Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG-FEF, 1996, p. 19-28.

PAIVA, E. F. *Histórias Comparadas, Histórias Conectadas: Escravidão e mestiçagem no Mundo Ibérico*. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em História - UFMG, 2008. p. 13-25.

PAIVA, E. F. *Trânsito de Culturas e Circulação de Objetos e Agentes de Mediação*. In: _____ Brasil - Portugal: sociedades, culturas e formas de governar no mundo português (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Annablume, 2006. p. 99 – 199.

PEREIRA, L. M. L. ; Zhouri, Andréa. *História oral e contemporaneidade*. São Paulo: Revista da Associação Brasileira de História oral, 2002. (Tradução/Artigo).

PEREIRA, L. M. L.. *História Oral: Desafios e Potencial na Produção do Conhecimento Histórico*. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1996. Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte : UFMG/Escola de Educação Física, 1996. v. 1. p. 62-70.

REGRAS oficiais de handebol: 1995-1997. Rio de Janeiro: Sprint, [19-]. 57p.

ROCHA, Vicente Leitão da. *Vamos Ensinar Hand-ball aos soldados?*; Revista de Educação Física do Exército; Rio de Janeiro, 1964, n.93, p. 35-36.

SANTANNA, Denise Bernuzzi. *Educação Física e História*. In: Carvalho, Yara Maria; Rubio, Kátia. (Org.). Educação Física e Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 2001, p.48-66.

SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, Metrôpoles e Desatinos*. Revista USP – Dossiê Futebol. São Paulo, v.22, p. 30 – 37

ESAB, Disponível em: <http://www.esab.com.br/br/por/Sobre/historia.cfm>
Acessado em 17 de maio de 2010 às 13:04

Portal da Prefeitura de Belo Horizonte, disponível em:
<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/> acessado em 17 de maio de 2010 às 14:33

Proteoria, disponível em: http://www.proteoria.org/textos/2002_01_exercito.pdf
07 de junho de 2010 às 15:20

ANEXOS

ANEXO I

UFMG – EEFFTO – Curso de Educação Física

Belo Horizonte, março de 2010

CARTA-CONVITE

Prezado senhor(a),

Venho por meio desta convidá-lo(a) a participar como sujeito na pesquisa: **“A História do Handebol em Minas Gerais”**, desenvolvida por mim, como Monografia de Conclusão de Curso, e orientada pela professora Dr^a. Meily Assbú Linhales.

A pesquisa está vinculada ao Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) – que foi criado em 2001, na EEFFTO da UFMG – e constitui-se como um espaço de salvaguarda, organização e preservação de acervos relativos à memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer. O CEMEF é um lugar destinado à pesquisa, ao ensino e à extensão, aberto à comunidade em geral e à comunidade acadêmica, pretendendo, assim, uma inserção mais efetiva junto à sociedade, que possibilite uma sensibilização para com a memória social.

Os documentos e os depoimentos cedidos ao CEMEF são catalogados e passam a fazer parte de seu acervo. Quando consultados só podem ser citados respeitando a sua integridade, bem como a indicação da fonte de origem.

Nessa pesquisa pretende-se investigar a memória do handebol em Minas Gerais, além de possibilitar a escrita de diferentes versões para esta história. Questões como, onde e quem praticava, a frequência da prática, onde e como iniciou essa prática, os clubes existentes, entre outras. Para o desenvolvimento do estudo utilizarei como metodologia os pressupostos da história oral. Assim, entrevistarei algumas pessoas que realizaram importantes ações na construção dessa história e, assim, podem colaborar para o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, venho consultar sobre vossa disponibilidade para conceder-me uma entrevista sobre as questões brevemente apresentadas nessa carta-convite. Estão previstas no plano de pesquisa entrevistas individuais, que serão gravadas e transcritas.

Agradeço desde já vossa atenção. Espero que possa contribuir com esta pesquisa.

Cordialmente,

Gabriela Villela Arantes

ANEXO II

Pesquisa: “A História do Handebol em Minas Gerais”

Nome do entrevistado:

Idade:

Profissão:

Referências:

Nome do entrevistador:

Data:

1- Trajetória

- Experiências pessoais;
- Como o handebol entrou na sua vida e porque;
- Quais as funções que assumia (outras ações);
- Importância do handebol na sua vida;
- Até quando o handebol esteve presente na sua vida.

2- Handebol e Particularidades

2.1 - Gênese/Criação

- Tem alguma informação a respeito de quando e como o handebol começou em Belo Horizonte e no Brasil.

2.2 – Espaços e sujeitos

- Quais os locais que freqüentava para jogar handebol (abrangendo a grande BH);

- Quem eram os sujeitos que se reuniam para praticar e onde os conheceu?
- Qual era a frequência?
- E sobre as questões do masculino e do feminino no handebol?
- Quais eram os campeonatos que existiam? Onde eram jogados? Quem podia participar?

2.3 – Organização

- Quem eram os sujeitos que organizavam a prática.
- Quais eram os clubes que abriam espaço para a prática do handebol?
(Perguntar os clubes por década)

3- Especificidades do Entrevistado

- De acordo com a trajetória do entrevistado, perguntas que podem ser feitas.

4-Handebol e memória

- Falar sobre a pesquisa, importância da memória. Falar da existência do CEMEF e da Coleção História Oral. Perguntar sobre mais algo em relação a pesquisa? Mais contribuições?
- Perguntar sobre outras fontes? Perguntar sobre empréstimos, fotos, doações.

ANEXO III



UFMG

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Departamento de Educação Física

Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer

Prezado(a) Senhor(a) _____

Em nome do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) gostaria inicialmente, de agradecer a disponibilidade e atenção para com nossa pesquisadora do Projeto **“A História do Handebol e Minas Gerais”**.

Pretendemos que este projeto seja uma ação interdisciplinar na qual a história oral, por meio da escuta das pessoas, bem como do registro de suas lembranças e experiências, possa constituir-se como prática investigativa capaz de trazer à Universidade tanto os sujeitos interessados em participar da produção dessas memórias como aqueles que dela poderão usufruir para qualificar sua ação pedagógica e de pesquisa no tempo presente. Razão pela qual o senhor (a senhora) é um de nossos (as) entrevistados (as).

Apresento a entrevistadora Gabriela Villela Arantes , vinculados ao CEMEF, ressaltando que a mesma está preparada para a tarefa que lhes cabe e informo ser a responsável por sua orientação. Nesse sentido, coloco-me à disposição para qualquer dúvida e esclarecimento por meio dos telefones 3409 2387 e 3409 2396.

Na certeza de que seu depoimento será de suma importância para esse projeto, agradeço-lhe, sinceramente.

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales
Coordenadora do CEMEF

ANEXO IV



UFMG

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Departamento de Educação Física

Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____,

domiciliado(a) e residente na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais, declaro, ceder ao Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei “à pesquisadora do **Projeto de Monografia “A História do Handebol em Minas Gerais”**”.

O CEMEF fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Belo Horizonte, de de 2010

Nome do Depoente